

# SAINDO DA EDUCAÇÃO FORMAL PELA EDUCAÇÃO FORMAL

Lucas Leão Soares<sup>1</sup>

## Resumo:

Neste artigo pretende-se relatar o encontro do autor com uma saída da educação formal pela educação formal. Para isso, faz-se importante contextualizar educação e educação formal, além de apresentar parte de uma prática pedagógica implementada pelo autor em um curso técnico direcionado a estudantes de Belo Horizonte e, em seguida, relacionar o contextualizado a pontos de vista de teóricos que discutem em suas obras temas relacionados.

**ABSTRACT:** In this article we report the author's encounter with an output of formal education for formal education. For this, it is important to contextualize education and formal education, and present part of a pedagogical practice implemented by the author in a technical course aimed at students in Belo Horizonte and then relate the contextualized the views of theorists who argue related themes in their works.

Palavras chave: Educação. Educação formal. Educação não formal. Práticas pedagógicas.

Keywords: Education. Formal education. Non-formal education. Pedagogical practices.

Este artigo é dedicado a todos que acreditam em educação, especialmente os que consideram que conhecer e aprender são bases de um caminho fértil para desenvolver-se e se construir.

Uma saída para o aluno que não se identifica com a educação formal pode estar na própria educação formal, haja vista que, para sair de algum

---

<sup>1</sup> Lucas Leão Soares é bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela PUC Minas (2006), possui curso de extensão em Gerenciamento de Projetos pelo Ibmecc (2010), e é especialista em Docência no Ensino Superior pela Universidade FUMEC (2013). Atualmente trabalha como professor/instrutor no Espro – Ensino Social Profissionalizante unidade Belo Horizonte, é consultor empresarial e cursa disciplina isolada em programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Telefone (31) 86121862. Endereço: Av. Heráclito M. Miranda, 3303, Sereno 103, Bandeirantes, Belo Horizonte/MG, CEP 31365-283, e-mail lucasls.prof@gmail.com.

processo formal o candidato a saída deve conhecer e vivenciar a cultura do mesmo.

O pensamento anteriormente mencionado é fruto do encontro do aturo deste artigo com algumas das ideias do filósofo *Gilles Deleuze* através de uma entrevista concedida pelo mesmo à *Claire Parnet*. Na referida entrevista, o filósofo propõe que “a cultura serve para sair dela”, ou seja, que para sair do consolidado e buscar dar vida ao novo, é preciso viver o consolidado e buscar neste um encontro que permita novas descobertas.

Diante disso e da minha relação, hoje e a cada dia mais estreita com a educação, lembrei-me de práticas que associo às aulas em que leciono e, em especial, da experiência que tive com um grupo de alunos que levei para uma aula experimental em um festival de quadrinhos certa vez, em meados de 2011. Mas antes de me ater à prática, acredito ser importante abordar conceitos que elenco e apresento no resumo, que dão ao leitor a devida introdução sobre o trabalho ora elaborado, sendo estes educação e educação formal. Em seguida, pretende-se relacionar as abordagens apresentadas à prática mencionada e ao pensamento de alguns teóricos de campos relacionados.

De acordo com o dicionário Aurélio da língua portuguesa, em sua versão digital, educação é “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social”. Partindo desta contextualização e acrescentado a esta, a formalidade, percebe-se que a educação formal nada mais será se não a prática da ação, por vias formalizadas, suas instituições e seus atores, responsáveis pelo desenvolvimento da mesma, seja na família, na escola, no trabalho ou na vida.

O educador Paulo Freire, considerado por muitos, inclusive por mim, um dos mais importantes pensadores da pedagogia no mundo moderno destacou-se, entre outros aspectos, por produzir e disseminar importantes obras que se relacionam com a educação.

Para Freire, “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados, estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas, estes não são absolutos”. (FREIRE (1983) apud LOPES (2009), p.28).

Dessa forma, há que se considerar que a educação é um processo contínuo, no qual todos estão em constante evolução, ainda que não com tal finalidade de ensino e aprendizagem.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2011a) destaca uma linha de pensamento que se apresenta como uma das principais referências para este estudo, o conceito de educação com liberdade, no qual o indivíduo passa a se construir e, assim, vivenciar a experiência da educação em sua mais pura essência. Ainda nesta obra, a liberdade se apresenta como linha de pensamento para o desenvolvimento humano, compondo processos de ensino e aprendizagem com maior poder de impacto junto aos aprendizes e educadores.

Logo no prefácio da obra de Freire, o professor Ernani Maria Fiori (2011) destaca que “a prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o educando tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica”.

A partir dos pressupostos de Freire, faz-se pertinente pensarmos em algumas questões como: que tipo de educação muitas instituições estão oferecendo aos nossos indivíduos, em processo constante de educação? Os tradicionais modelos são capazes de educar ou somente contribuem para uma formação direcionada por determinados interesses? Sair da educação formal pela educação formal pode contribuir para os pressupostos de Freire?

Proponho, a partir de agora, pensar essas questões por meio de uma experiência que vivenciei como professor de cursos técnicos, especialmente como docente do curso técnico em Publicidade do Programa de Educação Profissional – PEP – na Escola de Educação Profissional Newton Paiva<sup>2</sup>, em 2011.

Naquela ocasião, eu lecionava, dentre outras disciplinas a disciplina de *Design* gráfico e para a *web* e percebia que os alunos, durante as aulas, tinham interesse pelos conteúdos determinados pelo currículo formal e pelos encontros no ambiente presencial da escola. Contudo, faltava-lhes uma experiência mais profunda com o desenho para compreenderem, dessa forma,

---

<sup>2</sup> \*O Programa de Educação Profissional (PEP) é mantido pelo governo de Minas Gerais em parceria com várias instituições de ensino do estado. Na Newton Paiva, são oferecidos 14 cursos técnicos direcionados a jovens que já concluíram ou estão matriculados no 2º ou 3º anos do Ensino Médio de escolas públicas estaduais.

as técnicas apresentadas em sala de aula, mas ainda pouco ou nunca vivenciadas.

Após uma breve pesquisa, identifiquei que haveria na cidade um festival de quadrinhos e desenho e, articulei a participação dos alunos do programa da referida disciplina no Festival Internacional de Quadrinhos (FIQ) que acontecia em Belo Horizonte naquela época.

Em sua sétima edição, o FIQ homenageava então o cartunista Maurício de Souza, além de ser um momento único para encontro de aficionados por desenho com as obras produzidas pelo desenho.

Além de assistirem às apresentações e aos trabalhos expostos no festival os alunos ainda puderam participar de uma “aula-oficina” agendada, com profissionais de mercado da área de desenho, design gráfico e artes visuais. Esta foi uma oportunidade de aprenderem mais sobre desenho técnico com profissionais de mercado e em um ambiente totalmente inusitado, diferente da sala de aula: o do prédio da Serraria Souza Pinto de Belo Horizonte, espaço da capital mineira, muito utilizado para convenções e eventos.

Além de sentir o grande envolvimento dos alunos com a oficina do FIQ, o resultado dessa experiência me impulsionou a pensar em práticas pedagógicas cada vez mais desvinculadas de formalidade, a fim de contribuir mais diretamente para e com a formação dos alunos.

Dentre os frutos colhidos dessa experiência, destaco uma mensagem que me foi enviada por um aluno, que sempre me chamou a atenção pela qualidade dos seus desenhos:

Fugir do senso comum... [...] Matutei, matutei e enfim cheguei a conclusão do que isso significaria e melhor, fui mais longe, mudei minha arte, alternei meu modo de ver o mundo. Não vim desejar a você FELIZ DIA DO PROFESSOR, porque não o vejo como professor. Sinceramente acho que você deveria ser homenageado no DIA DO EDUCADOR, pois você foi além, nos indicou outros caminhos, que pouquíssimos profissionais da educação fazem. Sou grato pelos meus dias mais felizes, nos quais me encontrei como artista. Tenho frutos que colhi graças a você, que foi um dos primeiros professores que acreditaram plenamente em meu talento. [...]. Então, resta-me dizer obrigado e FELIZ DIA DO EDUCADOR, você fugiu do senso comum. Abraços! *La Cruz Cartunista*.<sup>3</sup>

---

\* Mensagem postada no *Facebook* em 15 out. 2012).

E esse depoimento, resultante da experiência de um dos alunos no FIQ, fortaleceu em mim o desejo pela pesquisa de novas possibilidades e práticas pedagógicas a serem aplicadas no ensino, especialmente as que desvinculassem os modelos tradicionais de educação, incluindo-se aí as aulas em formato tradicional, dentro de sala de aula e seguindo um escopo determinado.

Reforçando, acredito eu, a necessidade de se proporcionar ao aluno o encontro com o novo, trago uma pontuação que considero pertinente, do professor *PhD*. Pedro Demo, que propõe que: “O novo milênio - a parte expectativas mirabolantes, como se a passagem de um ano para outro fosse algo mítico - pode trazer grandes desafios para a educação”. (DEMO, 2000)

Demo apresenta algo que já era previsto por intelectuais antigos e modernos, como Paulo Freire, pensador do mundo moderno, e Platão (2014) - através de um de seus estudiosos - filósofo grego que viveu entre 427 a.C e 347 a.C. Ambos defendem aqui uma educação em que o educando conquiste a sua autonomia. Platão (2014) valorizava os métodos de debate e conversação como formas de alcançar o conhecimento e, expunha esse pensamento em suas aulas, como a seguir podemos acompanhar:

os alunos deveriam descobrir as coisas superando os problemas impostos pela vida. A educação deveria funcionar como forma de desenvolver o homem moral. A educação deveria dedicar esforços para o desenvolvimento intelectual e físico dos alunos. Aulas de retórica, debates, educação musical, geometria, astronomia e educação militar. Os alunos de classes menos favorecidas deveriam buscar o trabalho a partir dos 13 anos de idade e a educação da mulher deveria ser a mesma educação aplicada aos homens. (PLATÃO, 2014).

Este conjunto de argumentos me leva a acreditar que a educação é base do desenvolvimento humano, e que as aulas - aqui consideradas processos de ensino e aprendizagem - devem ser espaços de discussão, de construção de sentido, de experiência e experimentação, e não de imposição ou de vivência de uma cultura consolidada e apenas da vivência desta.

No entanto, praticar uma educação libertária ou que saia do tradicional formal, normalmente, apresenta-se como um desafio para o educador. Segundo Moacir Gadotti (2005), um grande impasse é que a educação não formal é menos valorizada socialmente. Para o autor, a educação formal tem

objetivos claros e específicos vinculados a diretrizes determinadas. Já a educação não formal, é mais difusa e menos vinculada, e acaba por possuir um “peso” social menor, uma vez que não oferta tantas formalidades como a escola tradicional, onde o estudante é certificado por um conjunto de registros numéricos que apresenta seu desempenho acadêmico. Pensamento enriquecido pelas pontuações de Rubem Alves (2003), que acena para o fato de que para muitas instituições o interessante passa a ser um crédito cultural que o aluno adquire no desenvolver de uma disciplina identificada por uma sigla.

### Educação para além dos muros da escola

O educador que se propõe a implementar, então, uma educação em prática não formal, ou, que saia do formal, ainda que pelo formal, irá se confrontar com essa desconfiança a que se refere Gadotti.

Por outro lado, pode neutralizar essa desvalorização de sua prática, respeitando algumas propostas conceituais de uma educação formal, mas, permitindo aos estudantes a vivência de experiências e encontros no campo da educação não tradicional.

É possível até mesmo seguir o currículo formal, mas inovar no espaço físico, levando os alunos ao jardim da escola, aos corredores, a museus, a uma exposição de arte, a uma sessão de cinema ou a um festival de quadrinhos, como relatado acima.

Também é possível implementar pequenas inovações até, por que não, em ambientes virtuais. Já se pode observar nos dias atuais que a educação mediada pelo computador também apresenta suas formalidades e não formalidades.

Um dos exemplos que ilustra essa prática que mescla formalidade e não formalidade no ambiente virtual são os modelos *webquest* – concebidos por Dodge<sup>4</sup> – onde o estudante pratica estudos orientados através de uma determinada demanda, com orientações de quais fontes pesquisar e em quanto tempo apresentar o resultado dos itens pesquisados como produto do trabalho

---

<sup>4</sup> Bernie Dodge, criador do conceito de *webquest*, é norte-americano, professor de Tecnologia Educacional da [San Diego State University](http://www.sdsu.edu/~education/), Califórnia, EUA, desde 1980.

realizado.

Há que se considerar que o mundo está passando por constantes transformações, e que os processos tradicionais de educação, herdados e consolidados ao longo dos séculos, muitas vezes engessam os educadores.

Alves (2003) afirma que o mais importante na trajetória dos educadores que buscam contribuir diretamente para formação de seus educandos: “[...] é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma entidade ‘*sui generis*’, portador de um nome, também de uma história, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço”. (ALVES, 2003, p. 4).

A partir do que assinala Alves (2003), o que se percebe é que os processos de educação são influenciados diretamente pela postura dos educadores, que têm participação direta no desenvolvimento dos alunos. E a saída da educação formal, pode favorecer encontros únicos que culminariam em possibilidades novas aos educandos, especialmente a troca de experiências, a autonomia, o questionamento, a criatividade e a cooperação.

Esta realidade se contrasta com a de professores que, engessados, replicam processos e modelos, capazes de preparar o aluno para os interesses do mundo moderno, mas, que acabam por não promover o seu desenvolvimento humano na forma mais pura já anteriormente mencionada, a da liberdade, privando-o da possibilidade de se tornar um sujeito capaz de pensar, criticar, compreender e realizar e ainda, incapaz de construir-se constantemente.

## Formação integral

Pode-se pensar, ainda, que o educando que não experimenta uma formação mais integral e humanística chegará ao mercado de trabalho muito menos preparado para os desafios que lhe são impostos.

A realidade atual exige do profissional “formação diversificada, versatilidade, autonomia, estar conectado e ser dono de um espírito empreendedor” e, diante disso, questiona-se, então, se, nos moldes educativos em que se replica conhecimento e não se busca possibilidades que possam ir além dos ambientes formais - os atuais e tradicionais modelos - serão

formados profissionais com aquelas habilidades ou apenas profissionais.

Acredita-se, pois, que uma das alternativas seria a o investimento do educador em processos não formais de ensino e aprendizagem. Seria uma das formas de contribuir para que seus alunos tivessem encontros que possam contribuir para que estes se tornem profissionais, capazes de lidar com as mais variadas situações a estes apresentadas.

Sair da sala de aula em um curso de pedagogia pode contribuir para formar mestres interessados em apresentar a seus alunos um mundo de possibilidades bem mais amplo do que somente os livros, quadros e trocas de experiências através de atividades programadas.

Conduzir jovens estudantes a feiras e eventos, como o FIQ, é oferecer a estes uma experiência em que o senso comum é deixado de lado e a liberdade de experimentação contribui diretamente em sua formação.

Dessa forma, como a educação é base para a formação de todo e qualquer indivíduo e um de seus principais desafios é implementar mudanças nos modelos tradicionais hoje aplicados, conclui-se que agregar práticas pedagógicas desvinculadas de formalidade pode ocasionar encontros únicos a educandos e educadores.

Para os primeiros, o uso de novas possibilidades no ensino pode proporcionar mais autonomia, tornando as situações de aprendizagem, porque não, muito mais prazerosas e envolventes. Além disso, pode possibilitar a formação de um cidadão com capacidade profissional e desenvolvimento pessoal suficientes para lidar com as mais variadas questões. Uma visita a um festival de quadrinhos pode se transformar em uma experiência única e contribuir para a formação de um profissional muito mais preparado para as grandes transformações pelas quais o mundo vem passando.

Com relação aos educadores, acredita-se que a educação aqui proposta também pode dar um novo sentido à sua prática:

Cave bem fundo, vincule à educação a vida, dê as palavras o esplendor original, integre o saber nas alegrias e nas preocupações do trabalho. Mesmo que as julgue extintas, enterradas para sempre num passado morto, você as verá surgir como sem querer, vivas e dinâmicas, pois você as alimentou com sensibilidade e experiência e construiu sobre as rochas. (FREINET, 1988, p. 68).

Como bem nos aconselha Freinet associando a educação à vida e

usando sua sensibilidade, o educador poderá ver surgir uma nova realidade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Portugal: Edições Asa, 2003.

DELEUZE, Gilles. C de Cultura. **O abecedário de Gilles Deleuze**: entrevista concedida em vídeo à Claire Parnet. 2001. [37 min.] 1 Vídeo. [Editado no Brasil pelo ministério da educação, TV escola, série ensino fundamental].

DEMO, Pedro. **RUMOS DA EDUCAÇÃO NO NOVO MILÊNIO**. UnB, Brasília, 2000. Disponível em: <http://pedrodemo.blogspot.com.br/2012/08/rumos-da-educacao-no-novo-milenio.html>. Acesso em: 29 dez. 2012.

FIORI, Ernani Maria. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREINET, Celestian. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005. Disponível em: [http://www.vdl.ufc.br/solar/aula\\_link/lquim/A\\_a\\_H/estrutura\\_pol\\_gest\\_educacional/aula\\_01/imagens/01/Educacao\\_Formal\\_Nao\\_Formal\\_2005.pdf](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf). Acessado em: 21 out. 2012.

LOPES, Irineu Ribeiro. **Diversidade na educação brasileira**. Educação para as relações étnico-raciais. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

PLATÃO. **Biografia e obras filosóficas deste importante filósofo da Grécia Antiga, História da Filosofia, frases de Platão**. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/platao/> Acesso em: 27 set. 2012.

RUBIM, Debora. O profissional que o mercado quer. **Isto É**, ed. 2212, 30 mar. 2012. Disponível em: [http://www.istoe.com.br/reportagens/196912\\_O+PROFISSIONAL+QUE+O+MERCADO+QUER](http://www.istoe.com.br/reportagens/196912_O+PROFISSIONAL+QUE+O+MERCADO+QUER). Acesso em: 15 nov. 2012.